

ESPAÑA — ALICANTE.

ALICANTE, capital da provincia do mesmo nome, é uma cidade importante pela industria dos seus habitantes, pela capacidade e segurança do seu porto de mar, e pela extensão do seu commercio.

Situada no centro de uma formosa bahia, que pode conter grande numero de navios de todos os portes, domina-a um elevado cerro, banhado do mar Mediterraneo pelo sul.

Como quasi todas as povoações antigas Alicante é em geral mal construida; as suas ruas estreitas, alcantiladas, irregulares, e pouco limpas; mas na parte chamada moderna da cidade encontram-se em compensação ruas e praças espaçosas, casas com excellente apparencia, vastos armazens, edificios elegantes.

O termo de Alicante é arido e os terrenos salitrosos; só se criam n'elles palmeiras, e algumas figueiras; as colheitas de trigo e cevada são escaças; em cambio porém recolhe-se muito e excellente vinho, que não só chega para consumo da cidade e da provincia, mas se exporta em larga copia para os outros portos da península, e para paizes estrangeiros, onde é muito estimado pelo seu delicado sabor e outras qualidades preciosas.

Como capital da provincia é residencia das auctoridades superiores d'ella. Contam-se em Alicante

proximamente 18:000 habitantes; uma collegiada, que serve de parochia, duas outras freguezias, dous conventos de freiras, um palacio episcopal, outro mais sumptuoso, que pertence á casa de Altamira, um amplo quartel, um bom hospital, e uma fabrica de cigarros, onde se empregam ordinariamente de tres mil e quatrocentas a cinco mil mulheres. É sede igualmente de uma comarca judicial, do consulado, junta do commercio, junta de saude, e de todas as mais repartições de fazenda e de provincia.

Alguns barcos de vapor mantêm a communicação regular do porto de Alicante com os demais portos da Hespanha; o commercio tem assim tomado um grande incremento; mas para que elle se eleve ao mais alto grau de prosperidade carece-se quasi absolutamente de estradas para o interior da provincia e reino. É incrível o quanto em Portugal e Hespanha se tem descuidado os interesses materiaes; é por isso que são tão poucas, n'um e n'outro paiz, as estradas por onde possam transitar com segurança diligencias e outros vehiculos de transporte accelerado. É tambem por este motivo que os progressos da industria e da agricultura não são mais sensiveis ainda: pois que não basta produzir, é mister que haja para os productos meios de conducção promptos e baratos.

PROSADORES PORTUGUEZES.

O PADRE MANUEL BERNARDES.

(1644 — 1710).

II.

MANUEL Bernardes nasceu de paes honrados, na cidade de Lisboa aos 20 de agosto de 1644.

Seu avô materno, João Bernardes, avaliador do fisco real, e cavalleiro da ordem de Christo, foi sobrinho de um dos moços da camara de Filippe IV, chamado Antonio Leite Pereira, cavalleiro fidalgo e familiar do santo officio.

Da parte de seu pae João Antunes, a geração do distincto prosador, não sendo tão luzida, não era por isso menos limpa.

Quando a Providencia os abençoou, concedendo-lhes successão, os dous esposos viviam com decencia, e dispunham dos meios necessarios para cultivarem as felizes inclinações, que seu filho, desde os tenros annos, principiou a revelar.

Seguindo os louvaveis costumes de então administrou-se o baptismo a Manuel Bernardes sete dias depois de nascido, na igreja de Nossa Senhora do Loreto, e um dos seus biographos assevera, que, depois de derramadas as aguas da remissão, não houve nunca sentidos mais abertos para a clara percepção de todas as cousas do mundo presente e futuro!

E foi assim. A virtude da indole unida ao vigor do engenho, compozeram um sujeito digno em tudo do respeito que inspirava, e da grande acceitação dos sabios estranhos e naturaes, que elogiaram á porfia a serena luz da sua alma, a desenganada renunciação das cousas mundanas, e o sabor e unção dos seus escriptos. A intelligência madrugou em o favorecer. Desde os rudimentos começou a manifestar e que havia de ser.

Os seus estudos da lingua latina, então severissimos, correram com applauso dos mestres, que não se cansavam de admirar a facilidade com que percebia tudo, buscando de proposito as duvidas e os pontos obscuros, só pelo gosto de os desatar!

Quem versou os auctores romanos, e, vencido o enfado das aulas e das construcções litteraes, chegou a travar com elles conhecimento intimo, unico meio de apreciar os seus thesouros, sabe e confessa o poderoso auxilio, que podem communicar aos que estão no caso de transportarem as riquezas de um idioma para o outro.

Muitas das elegancias de Vieira, de Camões e de Fr. Luiz de Sousa procedem das paginas de Tacito, Sallustio e Virgilio. Do sal picante de Horacio, posto que impossivel de refinar em outra lingua; encontram-se uns longes em mais de um poeta nosso, ou prosador, apurando o conceito na concisão, ou cinzelando com elegancia a phrase.

Ainda hontem Carlos Nodier, nas ultimas advertencias sobre a pureza do francez, aconselhando a maneira de o manter ornado e casto, encerrava todo o segredo na pratica de ler com reflexão, e todos os dias algumas folhas das obras de Cicero, e dos bons auctores romanos!

E o que faziam os nossos classicos; e por isso tantas vezes lhes saltam dos bicos da penna as malicias joviaes do grande lyrico, amigo de Mecenas, o nervoso traço de Tacito, e a rapidez de Sallustio. Tito Livio e Marco Tullio tiveram tambem admiradores e sectarios zelosos: João de Barros e Vieira, cada

um d'elles em sua provincia, provaram a familiaridade e o amor com que os frequentavam.

Nada tão injusto como a especie de desprezo, em que por algum tempo deixaram cair as letras latinas. Aquelles modêlos eternos pelo proprio valor, e porque nos conservaram imitado muito do que produziram as grandes epochas da Grecia, não se deterram da estante sem perdermos copiosos e agradaveis subsidios.

Os primores dos modernos são de outro genero, e não supprem os antigos; a idéa n'elles se acaso sobe mais, e o sentimento alumiado dos clarões da religião catholica, se porventura vê o dôbro além do que alcançavam os Tibulos e Propercios, (embora um d'estes na elegia adivinhasse a melodia christã) cedem sem combate possivel ao esmero e cuidado do labor, á lima subtil, e ao disvelo e correcção do todo, e das partes, que asseguram aos livros e poemas de Roma e da Grecia, quanto á forma, inimitavel e completa superioridade. E em verdade era preciso que a sua belleza seja insigne, para não ficar desvanecida, e resistir ás novidades e transformações do mundo, e á contínua acção dos seculos, gastando paginas abertas em linguas mortas!

Examinando as obras do padre Bernardes descobre-se, que elle colheu muitas das flores, que as enfeitam, na aturada convivencia dos mestres latinos; formando pouco a pouco o estylo na apropriação das galas, e delicadezas que por analogia podiam naturalisar-se.

N'este commercio com os mais elevados engenhos da civilisação antiga, redobrou as forças, retemperou o genio, e aguçou as faculdades, não sacrificando, o que importa sempre salvar, a indole original da lingua e do escriptor.

Estas eram as vantagens da applicação paciente, e do uso quotidiano dos livros classicos. Hoje lastimam-se os mezes empregados em saltar alguns capitulos dos prosadores, e alguns cantos dos poetas!

Se a instrucção, regulada pelas inclinações e estado das pessoas, fugisse dos extremos, e procurasse mais o util e o verdadeiro, seria diversa a maneira de dirigir o ensino, e maior o proveito d'elle.

Aos que se destinam ás artes fabris sobejam os rudimentos, que não chegando para saber, de nada servem para as occupações que seguem. Os que se destinam a pizar as carreiras litterarias e scientificas, com dous annos escaços de latim, não ficam em circumstancias de entenderem mais do que os compendios! Para uns é de mais, para os outros não basta!

Um curso extenso, feito com escolha, e regido com boa crítica, era uma necessidade para a firmeza dos conhecimentos, e para o desenvolvimento do gosto; sendo possivel, e até facilimo entrelaçal-o com a frequencia das disciplinas, que entram na educação classica, e essencialmente dependem da pura latinidade, e não das regras elementares da construcção latina.

No seculo 17.^o era outro o systema, e não espanta, que os fructos correspondessem. Manuel Bernardes, Vieira, Sousa Macedo, e todos os engenhos elogiados cultivaram as grandes disposições, reveladas desde a puericia, nas aulas dos professores, que não reputavam mal empregado o tempo, que se applicava á interpretação dos auctores romanos. Quando passaram a estudos superiores já iam armados de valioso cabedal para atravessarem os passos escabrosos sem tropeço. Foi cousa simples exprimirem-se correntemente na lingua de Scipião; e se não atingiam a graça e a fluencia ciceronica do bispo Osorio, nem eram como elle tão perfeitos imitado-

res, que fosse custoso discernir a copia do modelo, debaixo da sua penna o idioma da capital do universo nunca padecera injuria, antes foi sempre festejado e applaudido.

Concluidos os estudos latinos, Bernardes cursou a philosophia, não como hoje os trabalhos das diferentes escolas a têm apurado, mas como se aprendia n'aquelle seculo propenso ás subtilidades e argucias de palestras nebulosas, intrincadas e sophisticas.

Entretanto o abuso da disciplina encerrava certas vantagens. O juizo afiava-se, o espirito adelgava, e a attenção costumada a assistir sem desmaiar a enredados problemas podia melhor com as empresas laboriosas. Era uma como esgrima intellectual, donde o engenho se recolhia mais agil, adestrado e sabedor de todas as suas posses.

O exemplo vivo do bem e do mal, que envolvia o methodo, acha-se particularmente em Vieira.

O que desfeia as suas obras, o amor exagerado da novidade na concepção e na exposição; a queda repetida para o paradoxo, e a rede embaraçada de conceitos, e de brincados pueris, pertencem mais á epocha do que ao escriptor.

Aquelles defeitos usavam-se no estylo como os signaes, os donaires, e os riçados altos, se empregaram por moda, desfigurando a physionomia, e as proporções do corpo. O que não tinha sabor de artificio e de elegancia violenta, julgava-se inferior á fama de um auctor notavel, e mais ou menos ferido, ninguem se eximiu d'este contagio!

O aproveitamento de Manuel Bernardes consta das suas obras. Percorrendo-as encontram-se os documentos a cada passo.

Por entre o labyrintho de formulas escolasticas, e as agudezas exteriores ha paginas cheias de agrado e substancia, nas quaes o raciocinio e o saber se ligam vigorosamente.

De certo é preciso vencer o enfado de muitos logares communs, e cansar a attenção por muitas voltas, que hoje reputamos amaneirados trocadilhos, mas no meio de toda esta pobrissima riqueza empregada sobre posse, sobejam as provas da gentileza e a elevação do seu engenho!

Aonde o auctor se desvia do termo vicioso da epocha, e não cuida de arrebiques postigos, a graça, e o sabor natural do estylo, e da indole litteraria, correndo com a penna desaffectedada, de ninguem são excedidos na pureza, concisão e energia.

Quando narra, pinta; quando sobe ás idealidades, e se suspende sobre o tenebroso vacuo das especulações arrojadas, poucos como elle levariam o vôo tão sustido e tão ligeiro, não se remontando a tanto que desaparecesse, nem descaído nunca das nuvens até ao chão!

Mestre em philosophia, graduado pela universidade de Coimbra, applicou-se logo ao direito pontificio, grangeando n'elle os maiores creditos, e preparou-se com a distincção dos seus estudos para a frequencia da theologia, na qual obteve grandes applausos, que citam os seus biographos.

Depois de se ordenar, o bispo de Vizeu, D. João de Mello, movido pela fama, que de Coimbra chegava já a todo o reino, designou-o para seu confessor, e quiz que o ajudasse a trilhar com menos perigo a espinhosa estrada, em que é facil, com o peso das obrigações, errar-se o caminho, ou cair de todo.

Mas os costumes do mundo repugnavam ao padre Bernardes; apenas entrado na carreira suspirou pela solidão. Como presbytero, desatando-se dos primeiros laços tinha adiantado um passo largo para ella. Agora o seu desejo ardente era sacudir o

encargo dos negocios, voltar costas aos cuidados, e metter-se na sombra de um claustro, onde, em paz consigo e com os homens, pudesse dedicar a vida ao estudo e ás devoções.

Pouco decisivo por genio, e bastante demorado nas resoluções, dispoz-se de vagar, sondou os diversos institutos religiosos, comparando-os, e meditou sobre a escolha. Preferiu a final a congregação do Oratorio, recentemente introduzida no reino por Bartholomeu do Quental; e na idade de trinta annos, satisfazendo aos votos da sua alma, vestiu a roupe-ta, e descansou no porto, tantas vezes appetecido.

A congregação, já n'esse tempo era o que sempre foi até aos ultimos dias; um seminario fecundo em varões doutos, ajustados na vida, e irreprehensíveis na reputação. Em nenhuma das outras se cultivaram as artes e sciencias com mais lustre, nem se aponta maior, ou igual numero de sujeitos verdadeiramente dignos de elogio.

A sua extinção causou perda sensivel ás letras e ao ensino, não havendo pretexto, mesmo utilitario, que a desculpe.

Desde os rudimentos das humanidades, como observa o sr. Castilho, até aos cumes da eloquencia, da historia, da theologia, e das sciencias physicas e naturaes, tudo se estudava com ardor, e tudo se conhecia até aos ultimos progressos. As bibliothecas, e as escolas fundadas por ella, e as academias, que ornou de professores conspicuos, abonam a profundidade varia da sua doutrina. Foi sempre ali o retiro dos homens desenganados, amigos dos livros, e tementes a Deus. De portas a dentro o erudito encontrava á mão, e promptos, sobre qualquer assumpto, as obras e os mestres necessarios, a conveniente censura, e o merecido louvor. Grandes nomes attestam os serviços prestados á civilização pelos congregados, e os fastos do Oratorio encerram, elles só, mais padrões de gloria, do que a enfezada existencia de outros corpos collectivos menos modestos, e mais apparatusos.

Trinta e seis annos viveu Manuel Bernardes na sociedade dos que eram seus irmãos no habito e na inclinação das letras, sempre occupado em estudar, escrever, e cumprir os deveres do instituto. Pontual e exemplar nos exercicios devotos, e gastando n'elles o mais do tempo, austero sem demasia com os outros, como director de consciencias, na aula, no confessionario, e no pulpito brilhou pelo calor e luz, que deu por titulo a um dos seus melhores tratados, e com que resplandecem tantas paginas excellentes das suas obras.

Igual e serena a sua existencia correu sem alteração até aos dous ultimos annos, que foram os primeiros da sua morte.

O dia de hoje nascia para elle semelhante ao dia de hontem, e se lhe faltaram os lances, e as peripicias na grande scena do mundo, de que foi tecida a vida do padre Antonio Vieira, tambem poupou a inquietação do espirito, as murmurações, e o ingrato esquecimento, que atribularam até á derradeira hora o famoso jesuita, mais lembrado das vaidades do seculo algumas vezes, do que parecia permittir a humildade e abnegação da roupeta de Santo Ignacio.

Manuel Bernardes não alcançou a propecta idade, e não teve a consolação de acabar, como Vieira, senhor das suas faculdades.

O entendimento n'elle falleceu primeiro do que o corpo. Apagou-lhe Deus quasi de repente o formoso engenho e a intelligencia, que tantas verdades ensinaram, e tantos vicios castigavam!

Anouteceu-lhe o espirito estando sem lesão sen-

sivel; e mais de vinte mezes padeceu, desterrado de si mesmo, e com o talento em trevas, aquelle que fôra luz brilhante da Igreja e da moral!

A principio sentiu só as faculdades entibiadas, e ainda chegou a conhecer que uma nevoa espessa lh'as ía toldando a pouco e pouco. Desconsolado, mas com a vontade sempre firme, redobrou no fervor das praticas religiosas. Depois, foi-se retirando gradualmente a claridade intellectual, até a razão ficar totalmente ás escuras, e os superiores viram-se obrigados a prohibil-o de celebrar. Degradado do exercicio das ordens chorou, rendeu-se, e a final se-cumbiu.

Eclipsadas as idéas mais nobres, e com pequeno intervallo depois as mais communs, via e ouvia sem entender, nem conhecer! O mundo passava por elle como elle passava para o mundo.

A cellasinha em que habitava o amortecido velho, era como um sepulchro. Livros fechados e inúteis, manuscriptos incompletos ao pé do tinteiro secco e da penna mirrada, uma phrase elequente, deixada em embrião talvez, e diante de tudo isto, e sem o comprehender por espaço de dous annos, com o mesmo traje, com o mesmo rosto, aindá com mais cans... o homem a quem todos invejaram, de quem todos aprenderam, fechado sobre si como um livro de sete sellos!?

Esta bella descripção de um seu biographo moderno, o sr. Castilho, (cujo escripto nos ministrou valioso subsidio) pinta com vivissimas cores tudo o que tem de triste, de instructivo e de doloroso a cruel enfermidade que o assaltou. Para homem de fino engenho, e de elevada intelligencia, descaír assim da mais alta esphera, perdendo-se de si mesmo, encerra o maior dos supplicios, é um martyrio de fazer tremer!

Por fim, a 17 de agosto de 1710, acabou de penar; e os seus restos mortaes foram sepultados na antiga casa do Espirito Santo, d'ahi a quarenta e cinco annos arrasada pelo terramoto, e substituida, no mesmo lugar, pela igreja riscada por Ludovice filho.

Hoje, sobre a terra em que os seus ossos descansaram, levanta-se a frontaria da propriedade do sr. barão de Barcellinhos: aonde se repartia ao pequenino o pão da alma e da intelligencia, armam-se as mezas de uma hospedaria, e cruzam-se os ruidos e ociosidades da vida profana!

Qual dos dous terramotos seria maior? Aquelle cujas ruinas o marquez de Pombal reparou, ou o que nós fizemos, e não queremos reparar no que merecia emenda e restituição?

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

QUADROS MARITIMOS.

III.

INCENDIO DA NAU CHAGAS.

1594.

CONJUNTAMENTE com a nau *S. Alberto*, cujo naufragio contamos, partiram da India, no anno de 1593, outras duas naus, *Nossa Senhora da Nazareth*, e *Chagas*, nenhuma das quaes chegou ao reino. A *Nazareth* vinha tão carregada, que logo abriu agua com o primeiro temporal que apanhou, e arribando com

grande custo a Moçambique, ahi foi condemnada. A *Chagas*, uma das maiores naus da carreira da India, que n'aquelle tempo havia, encontrou tanto mar no cabo da Boa Esperança, que depois de alijar muita parte da rica carga que transportava para Lisboa, viu-se obrigada a virar para Moçambique, aonde inverno. O seu capitão-mór, Francisco de Mello, encontrando n'aquella insalubre ilha os naufragos da *S. Alberto*, e a tripulação da *Nazareth*, recolheu-os a bordo, e, exceptuando aquelles que preferiram regressar a Gôa, toda a gente das tres naus reunida, em numero de quatrocentas pessoas (cento e trinta portuguezes e duzentos e setenta escravos) velejou para o reino, já em principio do anno de 1594.

Vinham a bordo da nau *Chagas* algumas senhoras, entre as quaes D. Isabel Pereira e D. Luiza de Mello, já nossas conhecidas do naufragio do Penedo das Fontes; D. Francisca da Fonseca, mulher de D. Tristão de Menezes, capitão de Gôa, e sua filha D. Luiza de Menezes, que era (segundo a opinião de Melchior Estacio do Amaral, a quem seguimos n'esta narração) uma formosa donzella. Tambem entre os passageiros encontrámos o nosso heroe Nuno Velho Pereira, o capitão da nau *S. Alberto* (Julião de Faria), e Diogo Nunes Gramacho, conhecidos dos leitores; e outros homens notaveis, taes como D. Duarte de Eça, que foi capitão de Gôa; Antonio de Povos, capitão de Diu; Braz Corrêa, capitão da nau *Nazareth*; e D. Rodrigo de Cordova, castelhano.

A nau começou logo no porto a fazer agua, por que a fazenda salva da outra nau, a *Nazareth*, lhe augmentava demasiadamente a carga; e logo que sobreveiu o primeiro temporal teve de alijar ao mar muita d'ella, e até os mantimentos que trazia em cima, e que mais tarde bastante falta lhe fizeram. Contra esta estúpida ambição de sobrecarregar os navios clamam debalde todos os escriptores do tempo: era mal irremediavel aquelle! Emfim a nau *Chagas* dobrou o cabo das Tormentas, e tocou em Loanda para se refazer de mantimentos e aguada, porém de tal forma foi atacada a tripulação pelas febres de Africa, que metade da gente morreu nos muitos dias que se demoraram com calma pela costa de Guiné, e a outra metade de tal maneira ficou quebrada que mal podia ter-se de pé, ainda quando avistaram os Açores.

O regimento d'el-rei dado ao capitão-mór da armada, ordenava-lhe que demandasse a ilha do Corvo, onde encontraria uma frota portugueza; porém já na India constava que os inglezes haviam tomado a nau *Madre de Deus*, e obrigado a queimar outra, a *Santa Cruz*, n'aquellas paragens; por isso foram de voto os mais experimentados, que se prescindisse de avistar o Corvo, e se aproasse a Lisboa; porém a soldadesca que vinha a bordo, de combinação com a maruja, amotinaram-se, gritando que não havia mantimentos para se procurar directamente a costa de Portugal, isto (diz o chronista) porque suspiravam pelas aguas frescas e pelas fructas das ilhas! Em tal conjunctura o capitão formou conselho, e resolveu-se procurar a ilha do Corvo, o que combinava assim com os votos dos amotinados, como com o regimento d'el-rei; e de facto eram poucas as vitualhas que tinham na embarcação.

Francisco de Mello tratou de apparellhar-se para guerrear, no caso de se encontrarem inglezes, e repartiu os diversos postos do navio pelos mais esforçados; assentando todos que antes morreriam do que entregar-se, em qualquer circumstancia que fosse.

Emfim, no dia 22 de junho de 1594, tendo avistado o Corvo, mas contrariada pelo vento, a nau fez-se na volta do Fayal, e para logo encontrou tres

naus, conhecidas immediatamente por inglesas, de tresentas a quatrocentas toneladas cada uma, com grossa artilharia de bronze e muita gente e petrechos de guerra. . . O momento era chegado; os pobres doentes da nau *Chagas* juraram de novo morrer na agua ou no fogo, mas não se renderem!

Ao meio dia estava travado um sanguinolento combate. As bombardas e mosquetes trabalharam de um e outro lado, sem interrupção, até ao outro dia, á mesma hora, em que os ingleses se desenganaram de que os nossos se não rendiam, e assentaram de abalroar a nau *Chagas* com as suas tres naus ao mesmo tempo.

É tão viva a pintura que d'este choque faz Melchior Estacio, que não queremos privar d'ella os leitores; eis as suas palavras:

“ . . . investindo assim todas tres, se disparou artilharia de parte a parte, com roqueiras, pelouros de cadêa e de picões; houve em todos grande estrago, juntamente com a mosquetaria e munição; das gavesas choviam as panelas e alcanzias de fogo, os dardos e pedras; e pelos bordos ardiã as bombas e lanças de fogo, caíndo de todas as partes muitos mortos e feridos, estando todas as quatro naus feitas um vivo incendio, e rios de sangue, quaes eram os fortes combatentes, ateimados os ingleses pela preza, e os portuguezes pelos desenganarem d'ella. O mar estava rôxo com o sangue caído dos embornães, os convézes juncados de mortos, e o fogo ateado nas naus por algumas partes, o ar tão occupado com fumaças que não só se não enxergavam uns e outros, mas mal se conheciam muitos de tisonados e mascarrados do fogo e polvora. ”

D. Rodrigo de Cordova, que defendia a pôpa da nau *Chagas*, foi o primeiro que caiu com as pernas espedaçadas, mas ainda morrendo animava com palavras de valor os que ficavam. Nuno Velho mostrou-se tão valente no combate, como fôra prudente nos sertões da Cafraria; o nobre cavalleiro acudia aonde o perigo era maior, e por duas ou tres vezes fez recuar os ingleses, que já se achavam a bordo do nosso galeão. Todos os fidalgos e soldados se houveram como guerreiros de primor, e o grito geral a bordo era: Abrazemo-nos, vamos ao fundo, mas não nos entregaremos!

Com effeito já os bretões se faziam ao largo para compôr as grossas avarias que soffreram, quando se deu pelo fogo na prôa da nau *Chagas*; pegára n'um cochim de cairó do gurupez, todo alcatroado, e logo se erguera em chammãs, consumindo o traquete e abraçando a gavea, de tal forma que as enxarcias e poleãme caíndo no convez faziam lavrar o incendio por toda a nau: e os inimigos não deixavam aproximar ninguem da prôa para lhe acudir; as suas bombardas faziam contínuo fogo para aquelle ponto.

Desenganados os nossos de que a nau ardia toda irremissivelmente, começaram de lançar-se ao mar em jangadas feitas á pressa; outros, que não sabiam nadar, arremecavam a agua barris ou paus, com intenção de se segurarem a elles, o que a muitos fálhou, morrendo afogados; dos que os alcançaram, muitos pereceram nas pontas das lanças inglesas, que abi mesmo os perseguiam de dentro dos seus batéis.

D. Luiza de Mello, e sua mãe, que haviam escapado do naufragio da nau *S. Alberto*, foram apparecer, já cadaveres, nas praias do Fayal, ligadas ambas com um cordão de S. Francisco, como se haviam lançado ao mar; todo o resto da gente da nau morreu a golpes de espada ou de lança, atravessada por pelouros, queimada na embarcação ou affogada nas ondas: só treze pessoas escaparam d'esta tremenda catastrophe! Os ingleses tambem soffreram bastante,

como era de suppor, e mesmo dos seus capitães, dous ficaram feridos e um morto.

Dos treze salvos da nau um foi ainda Nuno Velho! Sem saber nadar, com grande custo se seguiu ao gurupez, quando este caiu na agua, e ajudado por Braz Corrêa, que tambem escapou, foi recebido em uma lancha ingleza. Os outros salvos milagrosamente do fogo e do mar foram o guardião da nau *Nazareth*, um estrinqueiro, um soldado da India, dous calafates, dous marinheiros, e quatro escravos; os quaes, já de bordo do vaso inimigo, viram sumir-se nas ondas a nau *Chagas*, quando o fogo lhe chegou ao paiol da polvora, tendo ainda a bordo alguma gente! Depois foram desembarcados na ilha das Flores, seguindo só para Inglaterra, como prizioneiros, Nuno Velho e Braz Corrêa, tropheus vivos do successo, que esperavam resgatar por bom dinheiro.

Ainda os trabalhos de Nuno Velho não estavam concluidos. . . devia ser de rija tempera aquelle homem! Encontrando-se as tres naus inglesas com um galeão da India, commandado por D. Luiz Coutinho, travou-se nova peleja; e Nuno Velho e Braz Corrêa foram atados e mettidos dentro d'uma lancha para írem junto á nau portugueza dar testemunho da sorte que tivera a *Chagas*. D. Luiz porém não se atemorizou, e tendo partido o mastro a um dos navios contrarios, furtou de noute o rumo aos outros dous, e veiu a salvamento ao Tejo.

Velho e Corrêa estiveram um anno prizioneiros em Inglaterra, mas bem tratados; e a final resgataram-se por tres mil cruzados, voltando á Hespanha, aonde o rei Philippe lhes fez mercê. Não soubemos mais de Nuno Velho; quanto a Braz Corrêa, tão pouca lembrança lhe ficou do naufragio, combate e incendio soffridos no mar, que logo em 1604 voltou á India, despachado védor da fazenda de Gôa.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

Vocaçào.

A CONVENIENCIA entre os sentimentos e o espirito de um homem e uma funcção social, eis o que se entende por vocação.

Pedra philosophal de todos os tempos seria achar para todos, e em todos os logares essa conveniencia tão perfeita, tão harmonica, tão fecunda em prodigios, tão assombrosa em seus resultados.

Não ha negal-o; é só ás vocações não contrariadas que deve a humanidade o seu progresso, e d'ahi a superioridade, que no seu modo de existir revelam as sociedades de hoje sobre as d'outr'ora.

Cada um de nós quando nasce traz em si imprescriptivel precisão de actividade, que a não ser dirigida e satisfeita pelo trabalho, nos dilacera interiormente como abutre implacavel, e as mais das vezes nos impelle a ir rasgar as entranhas da propria sociedade em que vivemos.

É o trabalho a destinação do homem. Origem de todo o possivel contentamento, fonte das terrenas bemaventuranças, o trabalho nas suas tres magnificas manifestações sciencia, industria, e bellas artes, converte em gosó e ordem o que aliás só fôra acaso e penas; transforma em util e prestadío pobreza e desconsolos; cria o bello e o esplendido do *fiat lux* da imaginação, aquecida por uma alma onde brilham reflexos da propria divindade. Expiacção d'original culpa. . . mas que expiacção! pena imposta ao primitivo delicto. . . mas quão doce, quão pater-

nal! Oh! e quem duvida de que para nós, n'este valle, não já de lagrimas, senão de esperanças infinitas, não existe, não pode existir felicidade fora do trabalho? Mas se a clemencia de quem tudo pode, de quem a tudo ama, de quem a tudo creou para amar e ser amado, fez do trabalho condição inalienavel do ser feliz, quem ousará negar que esta mesma lei benefica é para todos, que para ninguem absolutamente traz o trabalho afflicção e desgraça.

Em todos poz Deus uma certa e determinada vocação. Contrariar-a é contrariar a vontade suprema.

Temer atrocidades do cordeiro, esperar mansidão de tigres, pedir gorgoros a aguia, atrevimento ao rouxinol, grimaldas ao oceano, procellas ao jardim, alegria e claridade ás trevas, sombra e tristezas ao sol da primavera, tamanho desconcerto fôra esse, como exigir que o trabalho florisse, fructificasse e desse felicidade, onde a vocação errou o caminho.

Tedio em vez de attractivos e seducção, condemnação e supplicio em vez de satisfação e jubilos, imperfeições e tibiezas no que estava fadado para bençãos, eis a triste herança do que não deu ouvidos á voz interior das proprias tendencias, ao íntimo brado da vocação.

«Ninguem ha, absolutamente fallando, que seja inepto,» diz Godwin. Isto que á primeira vista se tomaria por um paradoxo, deixará de o parecer se por um momento reflectirmos no que accrescenta o mesmo escriptor, que estabelece com tanta convicção este principio. «O inepto,» diz elle, «é um homem que não occupa o logar que a natureza lhe tinha destinado. Hoje quasi ninguem está no seu logar; eis a razão por que o numero dos ineptos é tão grande.»

Ouçamol-o ainda, que de pezo me parecem as considerações que faz a este respeito.

«Não ha genio que para tudo seja proprio; não ha homem organizado que não seja proprio para alguma cousa. Ao vicio da educação, e só a elle, é que se deve attribuir o mau emprego das capacidades humanas. Devêra consistir a educação n'um ensaio dos talentos especiaes de cada um. Fôra indispensavel experimentar o tenro cerebro, apenas desenvolvido, a fim de saber para que será proprio. Em logar de encurralar (assim se expressa, e com bastante propriedade) trinta ou mais crianças n'uma prizão mascarada com o nome de escola, em logar de repetir e fazer decorar aos innocentes encarcerados lições que a maior parte não comprehende, quanto mais assizado não fôra deixar o campo livre ás naturaes facultades, secundar-lhes os progressos, espreitar a indole e tendencias de seus espiritos pueris.

«Não disse a natureza a este homem: Has de ser ferreiro: aquelle: has de ser ministro d'estado. Não; as suas classificções foram estabelecidas de outra maneira. Não vos creou a natureza astronomo ou poeta; dotou-vos com uma organização em relação com tal ou tal objecto; fez-vos robusto ou fraco, delicado ou energico, etc. Todavia todos nós temos a nossa corda sensivel. um ponto, que é mister ser tocado para commover nos, e que vibra com a maior força mal o ferem. Se este elemento da nossa força ficar adormecido ou ignorado, perderemos a maior parte do nosso valor: achar este ponto, é um dos estudos mais profundos.»

E assim vae, por nosso mal, a maior e melhor porção da especie humana sumir-se de geração em geração no nada do esquecimento. Assim vão os talentos, que a humanidade havia de negociar no grande mercado das idéas, morrer improductivos, e nem sequer sonhados com o individuo que na alma os enthesourava sem que ninguem osoubesse. Assim andarão talvez Petrarca e Camões cavando a terra,

Rollins e Pestalozzis forjando ferro, em quanto no magisterio pode ser que se estejam perdendo admiraveis officiaes mechnicos, na milicia optimos artistas, excellentes operarios, no fôro valentes soldados, na imprensa pacificos industriaes. Realmente é evidentissimo que Rossini e Donizetti não estariam no seu logar, velando, alta noute, nos observatorios de Herschell; Newton e Arago fariam bem triste figura se tivessem de escrever uma opera. Chateaubriand e Byron talvez errassem uma conta de sommar, em quanto Laplace talvez que em toda a sua vida não combinasse duas rimas.

No entretanto a necessidade, a imperiosa precisão de actividade carece de expansão; e a semente que havia de ser cedro apenas dá uma parasita rasteira que enfeza, mingua e cae. O talento creador, inventivo, secundo e reformador sob favoraveis circumstancias, não passa de mediocridade, morre obscuro e fenece ignorado. E depois, que remedio? á falta de bom metal, bate-se moeda de papel; em logar do ouro da aptidão levanta-se a aristocracia do diploma; em logar do homem a quem a providencia revelára em hora afortunada mil segredos dos seus, contenta-se o mundo com a nullidade, que em vez de lhe favorecer as tendencias progressivas, o prende ao poste da rotina.

Quanto não lucrara a humanidade, se ao estudo das vocações se desse a importancia que merece?

Importa primeiro que tudo estudar a origem do mal, porque o é, e muito grave.

A nosso ver existe na educação uniforme a que indistinctamente se submete a puericia.

Para que pode vir a ser propria uma criança? Não é facil de resolver semelhante problema. As faculdades não se annunciam sempre por indicios claros e evidentes. A criança não se conhece.

O que vulgarmente se chama inclinação nem sempre pode servir de guia. Raro é o menino que não goste de brincar com armas e petrechos militares; mas ninguem concluirá d'ahi que estão destinados todos para Fredericos e Napoleões. A intelligencia tambem não é a melhor guia para decidir da futura aptidão para o exercicio de tal ou tal mister. Nem sempre são as intelligencias mais precoces, que dão os melhores e mais duradouros fructos. Mas então por onde se deve regular o educador, se *intelligencia* e *inclinação* enganam tanto na verdadeira apreciação das vocações? Por aquillo que nem os homens, nem os tempos, nem os logares poderiam jamais destruir, modificar, nem corrigir; n'uma palavra pela *indole*.

Com a idade tudo muda ou se desenvolve no homem; a *indole*, essa nunca muda. O atrevimento, a energia, a insinuação, o sangue-frio, a perseverança, a delicadeza não se adquirem. O genio, a indole, são de cada individuo.

Serão os mestres capazes de julgar? Devem sel-o. Sel-o-hão os paes? Quasi nunca, infelizmente. Mandam os filhos á escola; julgam ter feito tudo. Era preciso educar primeiro os paes, mas já não é tão facil. Então os mestres? Esses sim, n'esses é que pode residir o observador desapaixonado e livre de preconceitos, caprichos e ambições; é n'elles que se pode encontrar o juiz imparcial, que estude o coração de seus alumnos sem o prisma de loucas pretensões. Ao mestre é que compete este difficil mas valiosissimo encargo. Elle informará os paes da verdadeira vocação de seus filhos. A vocação não contrariada é meio caminho para a felicidade. E estas duas vice-providencias da terra, paes e mestres, decidirão, não já pelo simples acaso dos futuros destinos d'aquelle, que um dia tem de ser chamado a contribuir com o seu

capital de aptidão em prol da humanidade, da família e de si mesmo.

« Quando se obtiver, diz J. B. Constant, que os homens sejam collocados no estado competente ás suas capacidades, haverá menos desgraças, mais felicidade na vida social, e muito maior prosperidade publica. »

Eduquem-se pois alguns homens nos verdadeiros conhecimentos do espirito e coração, exija-se-lhes como primaria condição irreprehensivel moralidade, forme-se-lhes a elles tambem o coração bom e affectuoso, dê-se-lhes a missão de estudar as vocações, isto é, o intimo d'alma e coração da geração nova, nobilitem-se esses pesquisadores das minas do porvir com o honroso titulo de MESTRES; não deslisem elles proprios um só ápice do que devem ser, e a felicidade individual e a prosperidade publica terão d'ora ávante mais solidas bases.

Nós, os que sentirmos que não estamos fóra do lugar para que a Providencia nos chamou, façamol-o desde já; estudemos as vocações, que é esse o mais bello mandato que o educador publico tem a desempenhar.

LUIZ FILIPPE LEITE.

INSTRUCCÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GRECIA.

Collecções scientificas e artisticas.

1.^o *Bibliotheca publica da universidade.* A primeira bibliotheca publica da Grecia teve origem n'um donativo de cinco mil tresentos e noventa e cinco volumes feito pelo barão de Sakkellarios; pelos legados do barão Bellios; e finalmente pelas doações e legados dos irmãos Zozima e dos srs. Ducas, Korais, Komitas e outros. Depois se lhe juntou a collecção, pouco numerosa na verdade, pois só consta de dous mil volumes, porém mui preciosa, do sr. Possalakas, comprada pelo governo ha dous annos e meio, por 105:000 drachmas.

Depois do estabelecimento da universidade concebeu-se igualmente o projecto de fundar tambem uma bibliotheca particular para seu uso. Ordenou o governo que as quatro faculdades lhe apresentassem um catalogo das obras mais indispensaveis, e consagrou para a compra d'estas obras a quantia de 10:000 drachmas. Muitas pessoas offereceram á universidade um certo numero de livros, porém o que mais contribuiu para augmentar a importancia da bibliotheca universitaria, foi a generosidade do grão-duque de Toscana que mandou aos directores das differentes bibliothecas dos seus estados que reunissem todos os exemplares duplicados que encontrassem. Ajuntaram-se cinco mil, e sua alteza imperial fez d'elles presente á universidade de Athenas. Tão nobre exemplo foi imitado pelo monarcha de Sardenha; e em breve uma de suas fragatas veiu entregar mais de seis mil volumes. Muitos particulares, entre elles o professor Rafn, conselheiro de estado de el-rei de Dinamarca, e o doutor Partey, proprietario da livraria Nicolai em Berlim, enviaram a Athenas valiosos donativos de livros. Assim se augmentou rapidamente a bibliotheca da universidade. Como depois de concluida a primeira parte do edificio da universidade, em que se acham comprehendidas as galerias da bibliotheca, o governo julgasse, que para maior commodo da mocidade e do publico, devia refundir as duas bibliothecas n'uma só, e collocal-a toda nas galerias da nova universidade, chegaram-

se a reunir actualmente n'esta bibliotheca trinta e cinco a quarenta mil volumes, e entre elles noventa manuscritos. É de esperar que os exemplos citados achem numerosos imitadores, e que a bibliotheca nacional seja em breve tão completa como convem ás necessidades dos gregos estudiosos, e dos muitos estrangeiros, que frequentam o territorio da Grecia em suas excursões scientificas.

2.^o Uma collecção importante de antiguidades, isto é, de estatuas, vasos, baixos-relevos, sarcophagos, utensis e inscrições etc., dispersos presentemente, por falta de um local apropriado, em varios pontos da cidade, porém reunidos em grande parte no templo de Theseu, se collocará, logo que esteja acabada a parte que falta do edificio universitario, nas galerias, que para este fim se devem construir.

3.^o A *collecção numismatica*, rica sobre tudo em moedas bysantinas e moedas russas antigas, a que devemos acrescentar alguns objectos de muito valor, como pedras preciosas, perolas, etc., foi donativo feito pelo sr. Zozimas de Moscow.

Citaremos tambem uma pequena *collecção de quadros*, offerecida pelo vice-consul da Grecia em Vienna o sr. de Mantzarani.

O *gabinete de historia natural*, fundado pela sociedade de historia natural, e assás completo em productos do solo grego.

Uma bella e rica *collecção de instrumentos de physica e astronomia*, formada em parte por aquisições do governo, e em parte pelos offerecimentos do sr. Anastasy e do barão Sina.

Uma *collecção de preparações chemicas e anatomicas*.

Escavações, descobrimentos e restaurações de antiguidades.

Apenas estabelecido, o governo real dedicou-se cuidadosamente á conservação, restauração, e descobrimento de antiguidades; nomeou para este effeito um conservador geral de antiguidades, pondo ás suas ordens tres sub-conservadores, um para o Peloponeso, outro para a Grecia continental, e outro para as ilhas gregas, aos quaes se remetteu na mesma occasião a quantia de que então podia dispor o thesouro, para que a empregassem d'um modo conveniente. Algum tempo depois, em 1835 a 1836, o governo abriu um credito de 70:000 drachmas, e successivamente depois um credito annual de 6 a 12:000 drachmas, não só para attender ás necessidades mais urgentes, mas tambem para emprehender novas restaurações necessarias, adquirir para o estado os objectos preciosos descobertos por particulares, e fazer executar novas escavações. Dentro em pouco se achou a direcção de antiguidades em circumstancias de desembaraçar o *Acrópolis*, ou cidadella d'Athenas, do entulho e ruinas que os seculos tinham amontoadado; de restaurar o *Erechtheum* e certas partes do Parthenon; de reedificar o magnifico templo da Victoria, e desenterrar emfim um grande numero de estatuas, vasos e inscrições.

Os meios d'esta sociedade eram realmente exiguos; porém como sempre os tem empregado com muita intelligencia e economia, e não se encarregava senão de emprezas proporcionadas ás suas forças, poude effectuar escavações e fazer descobrimentos importantes, como, por exemplo, o da torre de Cirrheste, etc.

Despeza annual do estado com a instrucção publica e as sciencias.

No anno de 1841 montou a despeza a 461:789 drachmas. No de 1842 andou por 492:016 drachmas

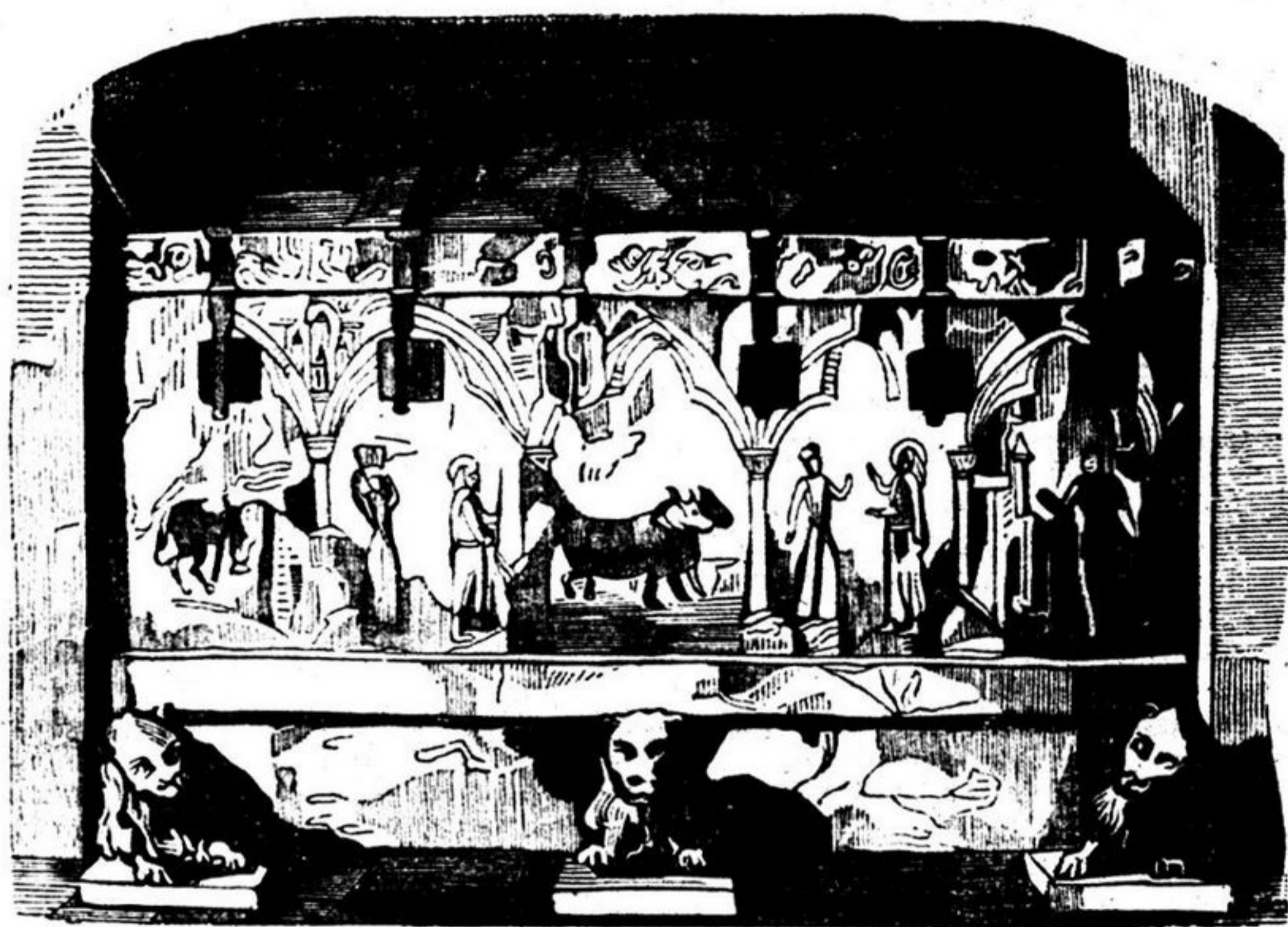
(sem comprehender n'esta somma as consideraveis quantias empregadas annualmente pelo estado na sustentação da excellente escola militar de Piro). Sobre a despeza total accrescentem-se 96:356 drachmas para ordenados de mestres de instrucção primaria, e 16:800 drachmas para as pensões fundadas pelo governo com o fim de crear mestras. Se se ajuntarem a isto as sommas destinadas para a escola normal primaria, que sobem a 4:447 drachmas; e para manter a casa dos orphãos, que custa 20:000 drachmas, resultará que o estado gasta com a instrucção elemental de ambos os sexos a verba annual de 137:597 drachmas (1). Se se reflectir tambem que a totali-

(1) 22:015 \$ 520 reis, pouco mais ou menos.

dade das rendas públicas do reino da Grecia apenas excede 18 milhões de drachmas, e que o reino da Prussia, que tão generoso é a prol do ensino, com uma receita superior a 50 milhões de thalers (mais de 240 milhões de francos), só destina um milhão de thalers á instrucção publica; e se se examinar a proporção que existe entre as despezas feitas por cada um dos dous governos em favor da instrucção publica e suas respectivas receitas, concluir-se-ha que o reino grego consagra á instrucção publica 3 por cento, e o reino da Prussia só 2 por cento da sua receita.

(Continúa.)

L.



TUMULO DE SANTO ISIDRO.

SANTO Isidro, chamada o lavrador, nasceu, segundo a tradição, em Madrid pelos annos de 1082, e falleceu com perto de noventa annos, em 30 de novembro de 1170.

Filho de lavradores foi elle mesmo lavrador, e serviu n'esta qualidade, entre outras, a illustre familia de Vargas, em cujas herdades parece que o santo vivêra largo tempo.

Exerceu tambem a profissão de pedreiro e cabouqueiro: em torno de Madrid conservam-se alguns pozos que uma tradição constante affirma terem sido abertos pelo santo.

Toda a sua vida foi uma serie não interrompida de actos de caridade, de oração e de modestia, distinguindo-se principalmente pela sua devoção a Nossa Senhora, sob as invocações de Almodena e de Atocha.

Viveu algum tempo em Torre Laguna, e ali casou com Maria da Cabeça, que se suppõe natural da aldêa de Carraquid, e que tambem, como seu esposo, obteve por suas excelsas virtudes a canonisação da Igreja.

Logo depois da sua morte começaram os povos de tributar-lhe culto e veneração: e como fossem

muitos os milagres alcançados por seu favor o santo padre Paulo V concedeu as honras da beatificação ao modesto lavrador madrileño por bulla de 14 de fevereiro de 1619; e posteriormente, a 12 de março de 1622, foi canonisado solemnemente por Gregorio XV, celebrando-se por esta occasião extraordinarias festas e regosijos.

Além dos documentos escriptos conservam-se em Madrid, apesar de serem decorridos sete seculos, alguns monumentos materiaes consagrados pela tradição; existe ainda tambem o venerando cadaver do glorioso santo, inteiro e incorrupto, resistindo á acção do tempo, e aos argumentos da incredulidade.

A arca em que esteve encerrado, e que a nossa gravura representa, diz-se ter sido mandada fazer por D. Affonso VIII; é coberta de couro, tendo nas faces pinturas em que estão grosseiramente figurados os milagres do santo; descansa sobre leões de pedra. N'esta arca, objecto precioso pela sua antiguidade, conservou-se o corpo do santo, até que em 1669 se trasladou para a soberba capella do mesmo nome, contigua á igreja parochial de S. André, onde actualmente se venera.